

## Editorial

## DOR DE CABEÇA

Reportagem de **O TEMPO** de ontem mostra quanto a moeda brasileira se desvalorizou desde que foi implantado o Plano Real, que supostamente teria o objetivo de estabilizar a economia brasileira, vinda de uma inflação descontrolada nos anos anteriores.

Segundo o estudo de um professor de matemática financeira, José Dutra Vieira Sobrinho, que fez as contas, em 21 anos, a inflação acumulada de 402,8% fez R\$ 100 valerem hoje apenas R\$ 19,90. O real perdeu quatro quintos do valor que tinha em 1994.

Todo mundo sabia que a inflação não seria fácil de ser domada, que alguma inflação ainda ocorreria por algum tempo. Para ter controle sobre esse processo, o governo estabeleceu o regime de metas de inflação, que foi observado durante algum tempo.

Para a população, a inflação, mantida baixa, era suportável, porque era considerada uma consequência do crescimento da economia, vindo a beneficiar um grande número de famílias brasileiras, que passaram a ter acesso ao mercado de consumo.

Em certo momento, o governo chegou, inclusive, a desejar um pouco de inflação porque ela indicava que a política de incentivo ao consumo ativava a indústria e mantinha os empregos. A fórmula, no entanto, tinha seus riscos, como se comprovou.

Chegou uma hora em que o consumo bateu no teto, parou de crescer, por causa do excessivo endividamento das famílias. E o governo viu secarem, de repente, suas fontes de arrecadação, tendo de fazer face, por outro lado, a um crescente gasto público.

É a situação em que nos encontramos presenteemente. A inflação não é mais provocada pela demanda do mercado, mas pelos gastos do governo. Este perdeu o controle sobre ela. E os ganhos antes concedidos aos novos consumidores estão sendo retirados.

Por isso, apesar de estarmos longe da situação pré-1994, a inflação será, cada vez mais, uma constante preocupação dos brasileiros.

## SEMPRE EDITORA LTDA

**FUNDADOR** Vittorio Mediolí  
**PRESIDENTE** Laura Mediolí  
**VICE-PRESIDENTE** Luiz Alberto de Castro Tito  
**DIRETOR EXECUTIVO** Heron Guimarães

**GERENTE COMERCIAL**  
Alessandra Soares

**GERENTE DE TECNOLOGIA**  
Fábio A. Santos

**GERENTE INDUSTRIAL**  
Guilherme Reis

**GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO**  
Walmir Prado

**GERENTE DE MARKETING**  
Monique Araki

**GERENTE DE CIRCULAÇÃO**  
Isabel Santos

**EDITORA EXECUTIVA**  
Lúcia Castro

**SECRETÁRIA DE REDAÇÃO**  
Michele Borges da Costa

**ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO**  
Murilo Rocha

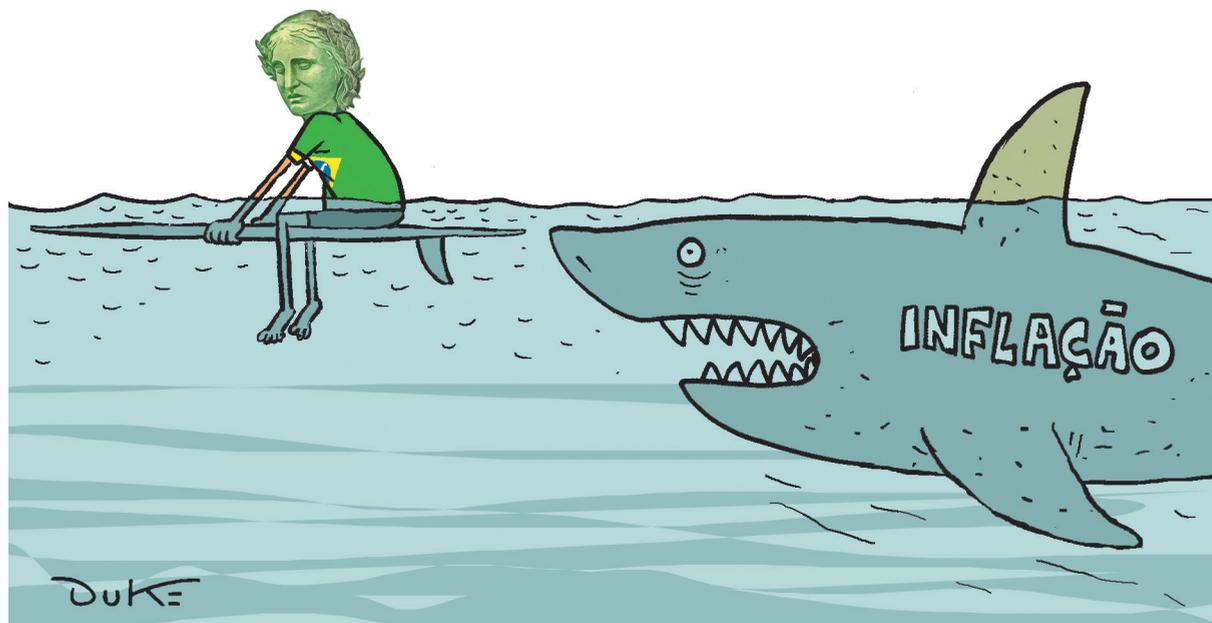
**CHEFE DE REPORTAGEM**  
Renata Nunes

**EDITORES**

Opinião: Victor de Almeida  
Economia: Karlon Aredes  
Magazine: Silvana Mascagna  
Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla  
Política: Ricardo Corrêa  
Esportes: Denner Taylor  
Cidades: Marina Schettini  
Primeira: Frederico Duboc  
Fotografia: Rejane Araújo

## O.PINIÃO

Duke



www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

## Sobreviver ao jaguncismo exige arte e muita manha

Sistema sofreu abalo com a rendição do seu chefe à oposição

**P**ara especular sobre o que agosto trará na política brasileira, urge recorrer à psicologia do jagunço. Há seis meses, o Brasil vive sob a batuta do sistema jagunço, sem que as forças políticas constituídas pelo voto popular esboquem qualquer coisa que possa ser chamada de resistência.

A impressão é que se quedou ao jaguncismo político até quem não concorda com suas práticas brutas. O jaguncismo mete medo. Vivemos dias de muita tensão. E, pior, não aparece saída no horizonte. Todavia, reli diariamente trechos de “Grande Sertão: Veredas” por acreditar que precisava entender mais da psicologia do jagunço.

Para M. C. Leonel & J. A. Segatto, em “Política e violência no sertão rosiano”: “O universo do grande sertão de Guimarães Rosa expressa um complexo de elementos fundamentais que vivem nas relações humanas e sociais do país e as perpassam historicamente. O ‘sertão aceita todos os nomes: aqui é o Gerais, lá é o Chapadão, lá acolá é a caatinga’ (Rosa, 1978: 370)”.

No último dia 17, o sistema jagunço de poder sofreu um abalo, com a rendição do seu chefe à oposição ao governo diante da possibilidade de a sua vida ser examinada com rigor em busca de rastros, porque até agora ele tem sido o bom caminhante de Lao-Tsé – célebre filósofo da China antiga, autor do “Tao Te Ching”, a obra basilar da filosofia taoista.

Disse Lao-Tsé: “Um bom caminhante não deixa rastros”. A hora do vamos ver é quando agosto chegar. O futuro político do Brasil está em suspenso até lá. Temos tempo para apreender o que

quis dizer Guimarães Rosa ao escrever que “o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”.

Elizabeth Hazin, professora da UnB, autora da tese de doutorado “No Nada, o Infinito” (da gênese de “Grande Sertão: Veredas”, 1991), diz que “Guimarães Rosa preocupava-se com o fato de serem os jagunços invariavelmente vistos apenas como seres sanguinários, vingativos, sem estofamento de natureza mais nobre. Era preciso revelar – e só a literatura seria capaz disso – o drama

Vivemos dias de muita tensão. Não aparece saída no horizonte. A hora do vamos ver é quando agosto chegar. O futuro político do país está em suspenso.

existencial daqueles homens: seus anseios, angústias e inquietações” (“O aproveitamento de resíduos literários no Grande Sertão”, 2008).

Daí porque o velho Rosa é o melhor celeiro para apreendermos a psicologia do jagunço e aquele olhar obsedado que chamou a minha atenção na última eleição da presidência da Câmara dos Deputados, sobre a qual escrevi: “Se Severino Cavalcanti tinha aquele olhar de paspalhão, o de Cunha é puro Hermógenes, um chefe jagunço de ‘Grande Sertão: Veredas’, de Guimarães Rosa, que sequer respeitava as normas/leis da jagunçagem, como disse Riobaldo Tatarana: ‘O senhor sabe: sertão é onde manda

quem é forte, com as astúcias. Deus mesmo, quando vier, que venha armado” (“Uma República democrática e laica sob o sistema ‘jagunço’”, **O TEMPO**, 17.2.2015).

Para Riobaldo, o “sistema jagunço” é: “Ah, a vida vera é outra, do cidadão do sertão. Política! Tudo política, e potentes chefias”. E, para quem não leu “Grande Sertão: Veredas”, ou não lembra, Renata de Albuquerque, em “Diadorim e Hermógenes: Jogo de duplos e espelhamento em ‘Grande Sertão: Veredas’”, relembra: “Hermógenes é ‘fel dormido’. Até porque Hermógenes não precisa ‘impor-se mau’, pois ele assim o é por si mesmo (e por resultado do pacto que fez). Assim, Hermógenes aparece como a excrecência do ambiente do sertão, pois estão nele concentradas, justamente, todas as características que aparecem, por vezes isoladamente, em cada homem da jagunçagem”.

DUKE

